

| Entrevistas |

Entrevista a Vítor Sérgio Ferreira

Bruno Dionísio

CICS.NOVA

A 23 de abril de 2019, entretive uma longa conversa com Vítor Sérgio Ferreira, no seu gabinete de trabalho no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Durante duas horas, falámos das suas referências inspiradoras na sociologia, das fachadas e dos bastidores do seu trajeto académico e profissional, do que o anima e o desanima na vida académica, do que está feito e do que está por fazer no diálogo entre sociologias da juventude e da educação, dos enigmas sociológicos desvendados e por desvendar. Licenciado e doutorado em Sociologia pelo ISCTE, Vítor Sérgio Ferreira é investigador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, onde é vice-coordenador do *Observatório Permanente da Juventude* e coordenador do grupo de investigação *LIFE – Percursos de Vida, Desigualdades e Solidariedades*. Autor de *Marcas que demarcam: tatuagem, body piercing e culturas juvenis* (Imprensa de Ciências Sociais, 2008), uma referência nos estudos de sociologia do corpo e da juventude, Vítor Sérgio Ferreira preserva, como área de afeição e de eleição, a sociologia da cultura. À espessura temporal do seu percurso profissional, iniciado há 25 anos, alia-se uma densa e intensa atividade científica, bem patente nos desafios de investigação que foi abraçando, quer em virtude de diversas solicitações institucionais, quer estimulados pela curiosidade pessoal por mundos desconhecidos. Dos seus trabalhos sobressaem estudos sobre jovens, gerações, estilos e transições de vida, criação e criatividade artística, e seus interfaces com as políticas públicas e os mundos da escola, do trabalho e da empregabilidade. Entre as suas publicações mais recentes destacam-se os livros *Geração Milénio? Um Retrato Social e Político* (Imprensa de Ciências Sociais, 2017), *Juventude(s) do local ao nacional, que intervenção?* (Afrontamento, 2019) e *Pesquisar jovens: caminhos e desafios metodológicos* (Imprensa de Ciências Sociais, 2017).

Vítor Sérgio Ferreira: “Quero acreditar que a sociologia continua a ser cool”



O teu trabalho de licenciatura foi sobre a crítica, numa linha muito bourdiniana. E depois enveredaste pelos jovens e pela marcação corporal. Como chegas aí, qual a origem de tudo isso?

Entrei na licenciatura em 1988 e acabo em 1995, dois anos de atraso face ao que devia ser, e a área que me entusiasmou mais naquela altura, e que continua a entusiasmar de alguma maneira, é a área da sociologia da cultura. E é nesse âmbito que acabo por escolher como tema de tese os intermediários culturais e como figura central a figura do crítico. Estamos numa época em que a sociologia das artes estava a consagrar-se enquanto área disciplinar dentro da Sociologia. Ainda muito influenciada por Bourdieu mas já havia outras

perspetivas. A passagem da sociologia da cultura para a sociologia da juventude é uma passagem muito pragmática. Aliás, acabo por ser muito o protótipo da figura do sociólogo desta geração: muito saltitante, respondendo a muitas solicitações do exterior. Eu entro pela sociologia da juventude por um convite do José Machado Pais para integrar o Observatório da Juventude em 1996. Eu acabo a licenciatura, já tinha trabalhado num projeto com José Machado Pais sobre jovens artistas, ele sabia que eu gostava muito dessa área, entro por aí e começo a trabalhar sobre jovens nesse espírito da sociologia profissional, de corresponder a trabalho encomendado da Secretaria de Estado da Juventude. Eu estava a coordenar um

projeto sobre a sistematização de fontes estatísticas oficiais [Jovens em Portugal. Análise Longitudinal de Fontes Estatísticas: 1960-1997, Oeiras: Celta/Secretaria de Estado da Juventude, 1999]. E foi a primeira vez que se fez uma grande base de dados longitudinal sobre a situação dos jovens em Portugal que, até então, estavam muito dispersas. Não era o trabalho dos meus sonhos... mas, ao mesmo tempo... acabo por entrar na sociologia da juventude dessa forma.

Existia aí um interesse político nesse assunto?

Não. Os jovens não são a minha causa, não tenho nenhuma militância na sociologia da juventude...

Mas conjugaram-se vários fatores favoráveis: e emergência do campo de estudos da juventude com uma preocupação política em conhecer a realidade...

Isso foi um facto. Era um campo em desenvolvimento interdisciplinar, não apenas centrado na sociologia (aliás os primeiros projetos internacionais em

que participo eram muito ... equipas da pedagogia social, como se chamava na altura, e a sociologia). Portanto os próprios pedagogos vinham muito com uma perspectiva sociológica também. Muito mais que hoje em dia as ciências da educação, digamos assim. Há de fato um interesse político por haver um observatório e o facto de eu estar ali no início da minha vida profissional.

Isto é uma curiosidade mas eu lembro-me na altura de estar a enviar currículos para anúncios de jornal, nas páginas do Expresso, e ir a várias entrevistas de emprego e uma delas foi na Euroexpansão. Uma das áreas profissionais dos sociólogos eram as empresas de estudos de mercado. E eu já tinha colaborado com a Euroexpansão, na licenciatura, como entrevistador, para ganhar uns trocos. Sou chamado a uma entrevista e volto outra vez a uma segunda entrevista. E há uma terceira entrevista que é convocada para um dia a seguir ao Machado Pais me dizer que o Observatório iria iniciar-se e se eu estaria disponível para colaborar, com um ordenado, um contrato, na altura a recibos verdes, mas pronto, era ótimo ter um salário. Ou seja, ele fez-me este

desafio no dia em que recebo o telefonema da Euroexpansão para uma terceira entrevista, em que eu presumia que já fosse para alguma coisa definitiva. E agora o que é que eu faço? Tenho que decidir entre uma oportunidade e outra e decidi, naquele dia, que gostava de ficar no Observatório, no ICS, com o José Machado Pais, e não na Euroexpansão.

Estamos a falar de 1996. Sentes que os temas da juventude na sociologia eram acarinhados ou vistos com alguma desconfiança? Parece-me que vínhamos de um período em que a sociologia da educação, do trabalho, das classes eram os grandes objetos, e que os anos 90 têm essas entradas pela infância, pela juventude. O ambiente académico era inóspito ou não?

Era nitidamente o momento duma sociologia da juventude a desbravar-se. Ao olhar para trás, o que sinto é que a década de 90, inícios de 2000, é a consolidação duma certa sociologia da juventude. Digo uma certa porque havia muitas. E o José Machado Pais, que entra por uma sociologia do quotidiano (é isso que o define do ponto de vista académico, a meu ver, mais do que a sociologia da juventude), utiliza a

juventude dum ponto de vista muito pragmático para estudar aquilo que ele gostava: tempos de lazer, solidão, religiosidades... Mas eu acho que esses anos, de fato, foram anos em que se vai consolidar essa riqueza, porque não é propriamente a ideia dum objeto... porque há diferentes olhares para os sujeitos jovens: o olhar das gerações, num foco muito estruturalista, um olhar sobre as transições, e a sociologia das culturas juvenis.

A sensação que tenho é que paralelamente se entra muito numa militância em torno da juventude enquanto categoria. Uma militância política que se mistura muito com a pesquisa. Sendo que eu não vejo propriamente mal nisso, mas às vezes o que me parece é que se pendente mais para a militância que para a pesquisa. E em torno disso, constroem-se alguns mitos acerca desta categoria social. Aliás, é assim que a defino. Juventude não é um conceito, é uma categoria social e é uma categoria política. Então, se formos para o olhar geracional hoje em dia, que é um assunto que me tem interessado ultimamente, é nítida essa perspetiva, que é interessante: como é que essa

categoria está a ser mobilizada por agentes públicos, políticos, em zonas de conflito social fortes e globalizados. É aí que a perspectiva das gerações deixa de ser a da diferença cultural, de gostos ou de práticas, e passa a ser uma categoria que se mobiliza em torno das desigualdades perante o trabalho, as expectativas goradas, ... é desse ponto de vista que acho interessante olhar para as categorias geração e juventude.

Sobre o engajamento em causas, ou da ciência engajada, para uns parece que essa legitimidade do engajamento tem a ver com a ideia de que assim os problemas juvenis tornam-se mais visíveis e, portanto, a eficácia do conhecimento científico é maior. Para outros, talvez considerem que isso pode ter um preço para o conhecimento científico demasiado caro... Não?

Sim, se bem que eu não me incluo nada na segunda categoria. Para mim qualquer tipo de ciência social é sempre engajada. Só a escolha do objeto de estudo já é uma opção política, no sentido em que não é neutra. A escolha do estudo por uma determinada realidade, uma determinada perspectiva, é também uma escolha política. Não

ponho em causa de modo algum a ciência engajada. O que eu não quero é que esse engajamento cegue uma perspectiva mais rigorosa, digamos, no sentido de enquadrar as pessoas, de as formatar. Enquanto sociólogo, vamos sempre fazendo focos e aproximações, mas é bom que esses focos estejam sempre em diálogo com aquilo que é o estado da arte e de instrumentos metodológicos rigorosos. Não vale a pena tomar determinadas realidades pelo todo. E às vezes sinto que isso acontece nos estudos de juventude: tomar determinadas formas de alguns segmentos juvenis viverem como sendo "A" juventude. Quer dizer, aquela ideia de que a juventude é sempre resistência, a juventude é sempre militante, ... tudo isso são estereótipos que são interessantes torná-los como objetos de estudo e não olhá-los como realidades sociais tout court.

Vítor Sérgio Ferreira: “naquilo em que milito, em termos de causas políticas, causas de vida, não tenho grande interesse académico em ser eu a produzir”



Para além disso, há depois a questão da sustentabilidade dos estudos do ponto de vista financeiro, das fontes de financiamento. Sentes ou não que as pessoas ficam condicionadas a encarregar os seus objetos para determinados enfoques problemáticos sobre a juventude de maneira a tornar os seus objetos mais apelativos para financiamento?... E isso ter esses outros efeitos de estereotipização e até a criação duma perceção duma juventude problemática?

Concordo com a primeira parte do que dizes: há de fato um condicionamento na academia (não só na portuguesa), a ideia de que a pesquisa tem de ser sustentada e sustentável por fontes de financiamento que têm as suas próprias agendas políticas faz com que haja certos objetos de estudo e determinados problemas sociais sejam privilegiados, e que nos condicionam perante a escolha de outros objetos. Isso concordo. A minha própria carreira foi feita assim. Quer dizer, houve um momento,

quando acabo a minha tese de doutoramento, entre o primeiro posdoc e o segundo, nitidamente vi, quer dentro da academia, dentro do próprio ICS, na altura, a ideia de fazer uma sociologia do corpo não vai dar em nada: onde vou arranjar financiamento para isto? Lembro-me de ficar contente por ver o David Le Breton ter financiamento, ter um observatório do corpo (já não recordo o nome) financiado pela Nívea, e eu pensava: em Portugal, não estou nada a ver isto... E ter que, de algum modo, por um parêntesis numa linha de investigação na qual tinha investido muito, e olhar e dizer: bem, se queres ter uma carreira académica, vais ter que procurar outras coisas. E é aí que nasce a ideia do projeto sobre as “Novas profissões de sonho”. Que aliás vem desse trabalho de doutoramento, porque a primeira vez que me confronto com essa ideia de “novas profissões de sonho” é com a atividade de tatuador. Embora o meu trabalho fosse mais sobre consumo e não tatuadores, mas a verdade é que estava em ateliês e via-os e ouvia-os falar...

Eu acho que a minha carreira tem sido feita muito nessa negociação: faço muito

trabalho encomendado, digamos assim, e muitos objetos são condicionados por essa via da encomenda, do financiamento, mas, por outro lado, quando tenho oportunidade, tento procurar investigar sobre aquilo que gosto, e é aí que me afasto de facto de tudo o que é militâncias: é que naquilo em que milito, em termos de causas políticas, causas de vida, não tenho grande interesse académico. Ou melhor, tenho interesse académico naquilo que se está a produzir, mas não tenho interesse em ser eu a produzir. Nunca foi. Nunca foi estratégico mas é do tipo: isto eu sei porque é a experiência que eu vivo. Os meus objetos têm muito a ver com as minhas curiosidades pessoais, com mundos que desconheço. Acabo por gostar da sociologia da juventude porque tem uma plasticidade que me permite pesquisar temas emergentes. Quer dizer: a minha escolha pela sociologia é nitidamente uma escolha pela curiosidade por determinados mundos sociais enigmáticos para mim. E sempre foi assim.

Se fosse hoje que estivesse a estudar [no secundário], não sei se teria algum contacto com a sociologia. Para já

porque a sociologia no secundário é hoje praticamente inexistente. Mas lembro-me quando tive que escolher uma área no 10º ano, escolho jornalismo, faz-me mudar de escola inclusive. Eu estudava em Alverca, sou de Alverca, e faz-me transferir para Lisboa porque não havia essa opção em Alverca, e é aí, na Escola Vitorino Nemésio, em Olivais-Chelas, que vou ter uma professora de jornalismo que era socióloga, a Céu Neves (que venho a saber mais tarde que é mulher do Pacote de Oliveira), jornalista do DN mas socióloga, e que era socióloga do ISCTE. E tive também a disciplina de sociologia como opção, também com uma socióloga do ISCTE, a Cristina. Ou seja, tive um contacto privilegiado numa época em que isso foi uma casualidade, não era normal que assim fosse, porque quem dava sociologia era pessoal do direito, da filosofia, da economia... mas de facto tive esse privilégio. Quer dizer, em 1985-86, apogeu dos anos 80, Miguel Esteves Cardoso a formar O Independente, era uma época em que ser sociólogo era muito cool. Essa ideia do sociólogo como uma figura até quase da boémia lisboeta, do intelectual que lê

Baudrillard, que lê Roland Barthes, a olhar para a sociedade contemporânea, um Portugal que se modernizava, era muito a figura do pós moderno (com muitas aspas), e tudo isto era uma coisa que me fascinava na altura...

Uma certa vanguarda...

Exato, Lisboa estava a mudar, havia bandas, moda, e acho que a sociologia entra-me por aí. Sempre misturada com a comunicação social, e nunca abandonei essa ideia. Aliás, não é por acaso que acabo por estudar na tese de licenciatura o crítico na imprensa escrita... Eu podia ter entrado para comunicação social se quisesse, não entro porque o meu irmão, sete anos mais velho, tinha feito, na Nova, Comunicação Social. E isto, que deve ser um problema de todos os irmãos mais novos, é que não queria que dissessem que estava a imitar o meu irmão. Então vou para uma área em que também me permite ter um olhar sobre a sociedade contemporânea. Por isso, fui para Sociologia. Sem devaneios, sem grandes dúvidas.

E a escolha da tatuagem e do piercing? Quer dizer, a escolha concreta deste objeto particular, em que medida não foi também a escolha por um objeto cool?

É. Provavelmente vão-me chamar fútil, ou assim... (risos). Quando decido fazer a tese sobre isto, começou por ser o tema de uma tese de mestrado que nunca concluí. Eu faço uma pós-graduação no ISCTE, em estudos de comunicação e cultura, e mais uma vez estavam lá Paquete de Oliveira, Prado Coelho, na altura... a minha sociologia de referência é esta. É figuras como Prado Coelho, do qual li Os Universos da Crítica... e uma sociologia da comunicação, uma Maria Augusta Babo, Bragança de Miranda, aquela malta da Comunicação da Nova, são grupos que tiveram muita influência na forma como construí o meu olhar sobre a sociologia e os objetos que ia escolhendo. Eu sabia que não queria desperdiçar o que tinha feito sobre jovens. Agora sabia que não queria fazer uma coisa sobre jovens conforme aquilo que estava a fazer no Observatório [Permanente da Juventude] ou nos projetos internacionais em que estava, muito vocacionados para as

desigualdades, jovens em desvantagem, transições para mercado de trabalho... não era isso que me apetecia. Então estava a tentar encontrar alguma coisa que me entusiasmasse para fazer um trabalho. Lembro-me que vou a um festival da Zé dos Bois, em 1996 ou 1997, uma semana de espetáculos e conferências sobre o corpo, sobre modificações corporais. Achei piada ao cartaz e fui assistir a alguns espetáculos. E aquelas pessoas eram os “modernos primitivos”, malta que vinha dos EUA, que tinha ali pensamento, muita performance, que colocavam o corpo noutra estatuto que não era o do estatuto natural do corpo orgânico. E muito militante também. Mas mais do que as impressões que me causaram os espetáculos ou as conferencistas, foi a primeira vez que me confrontei em Lisboa com uma concentração de pessoas no público que tinham largas extensões do corpo tatuado e muitos piercings, que era uma coisa que na altura via-se muito pouco. E eu olhava para aquele público e pensava: mas donde é que saíram estas pessoas? E aquilo fascinou-me. Isto associado àquilo que já tinha visto sobre

culturas juvenis pode fazer sentido. E lembro-me de falar pela primeira vez com Alexandre Melo, que seria ele meu orientador de mestrado, e dizer-lhe, e ele dizer, ‘mas veja lá se justifica fazer uma tese sobre isto’. E eu disse, ‘olhe não sei, mas se calhar justifica’. E ele acabou por se convencer. Comecei por fazer um trabalho sobre isso mas, entretanto, acabo a pós graduação, tinha uma média muito boa e havia oportunidade de passar diretamente para doutoramento. E acabo por falar com o Machado Pais. Na altura havia uma renovação do Protocolo e o Machado Pais disse ‘ah isso é muito interessante, o Vítor amplia um bocadinho isso e faça um projeto e apresentamos como candidatura dentro do novo programa do Observatório’. E pronto, acabo por ter um financiamento para transcrição de entrevistas e esse tipo de coisas. E faço um projeto em que a tatuagem e o body piercing era um dos estudos de caso, mas havia mais, os comportamentos anoréticos e vigoréticos, coisas ligadas ao movimento, dança, raves, desportos radicais. Claro, como era esperado, acabo por me concentrar num caso e a tese acaba por ser só sobre tatuagem e

body piercing [Marcas que demarcam: tatuagem, body piercing e culturas juvenis, publicado pela Imprensa de Ciências Sociais em 2008]. E os comportamentos anoréticos e vigoréticos acabam por ser o primeiro pós-doc. Mas a ideia veio daí, duma curiosidade pessoal e tentar ver se se justificava um trabalho académico sobre isso. E aí tive todo o apoio do José Machado Pais. Porque havia muita gente que dizia, ‘mas estás a fazer uma tese sobre isto para quê, o que é que isto interessa?’.

“quando dizes que me escapo à escola, não é uma estratégia, é porque, de facto, os temas que eu gosto estão lá, mas não estão só lá”



Tanto no teu doutoramento como neste projeto mais recente [“Tornar profissões de sonho realidade: transições para novos mundos profissionais atrativos aos jovens”], e noutros projetos individuais ou coletivos, vais tocando os jovens sempre de ‘raspão’ em relação ao sistema

educativo e à entrada na instituição escolar. É evidente que isso está presente mas tens seguido um caminho em que, embora a educação esteja presente, mas metodologicamente e na formulação da pesquisa, desvias-te da entrada no campo escolar...

*Não vou dizer que isso é estratégico. Eu acho que tem muito a ver... com esses mundos mais desconhecidos. Mas é a ideia de que a sociologia da juventude para mim é muito procurar esse lugar das emergências, de coisas novas a acontecer. É óbvio que há muita coisa a acontecer também na escola. Hoje para mim a escola também já é um enigma pois já está muito longínqua da minha vivência. E eventualmente até vai haver algum momento em que me vou confrontar com a entrada nas escolas. Aliás, eu já fiz entradas nas escolas quando fiz coisas sobre o estatuto do artista e a passagem ... é um dos textos meus de que mais gosto, que é um capítulo de cerca de 80 páginas que se chama “O lugar da escola na estruturação de carreiras artísticas”, no livro *O Mundo da Arte Jovem* [Celta Editora, 2003]. E entro na importância da escola nas trajetórias artísticas.*

Porque os jovens artistas me falavam da importância de terem passado por uma educação artística na escola secundária. Aí confronto-me com a escola. Também vou estudar o processo de pedagogização de várias atividades atrativas aos jovens, nomeadamente a de Dj [Ser DJ não é só Soltar o Play: a pedagogização de uma nova profissão de sonho, Educação e Realidade, 42 (2) 2017.]. Mas sempre nestas áreas mais periféricas, digamos, que têm a ver com a criatividade, o estatuto do criador, do artista, muito mais do que do estudante. Por isso, quando dizes que me escapo à escola, não é uma estratégia, é porque, de facto, os temas que eu gosto estão lá, mas não estão só lá...

Consideras existir uma agenda mais inflacionada de estudos sobre jovens com um enfoque muito na escolarização, nas qualificações escolares, ou na produção de dados através do espaço escolar... e menos na inquirição de jovens sobre temas que não sejam puramente pedagógicos e que toquem as culturas juvenis?

Não sigo a sociologia da educação tão de perto. Mas tento-me atualizar sobre estudos da juventude e a escola entra aí.

A sensação que tenho é que ainda há muito pouca coisa sobre a sociologia do espaço escolar, sobre os jovens enquanto jovens e não enquanto estudantes. O trabalho da Maria Manuel Vieira [O Futuro em Aberto, Editora Mundos Sociais, 2015] dá um contributo para avançar sobre isso, incorporando bem isso, havendo uma mais-valia desse ponto de vista. Mas há muito pouca coisa ainda. Enquanto interlocutor com alguns pesquisadores que estão a estudar as ocupações secundaristas no Brasil, o que acontece ali nitidamente é uma reivindicação dos jovens para serem olhados enquanto jovens e não apenas enquanto estudantes. Por exemplo, determinadas expressões do corpo dentro da escola são ainda muito pouco bem-vindas, digamos assim. Mas há muito essa reivindicação. Em Portugal, não há tanto... Há muito por fazer. Sobretudo quando hoje em dia as culturas de rua basicamente desapareceram da rua e estão dentro das escolas, nos espaços mais livres da escola, das paredes, de cantos e recantos, onde acho que a sociologia da educação – a sociologia, na verdade – pode olhar. Ao mesmo tempo que o espaço escolar se

torna mais rico, há um movimento ao contrário que é a indisponibilidade das escolas para que os investigadores entrem lá dentro. Isto são movimentos que se contradizem. Apesar de tudo, tem-se conseguido fazer alguma coisa. Mas acho que o entrosamento entre sociologia da juventude e sociologia da educação no sentido de olhar para além das problemáticas da pedagogia, da sala de aula, do sucesso e insucesso, olhar para a escola como instituição de vivência e de sociabilidade juvenil... acho que ainda falta muito por fazer.

Através das pesquisas que foste fazendo, sentes que há uma espécie de «gritos» que os jovens vão dando no sentido de não estarem enclausurados nessa categoria estudantil? Em que medida é que uma preocupação com os problemas do sucesso escolar, as qualificações e transições para mercado de trabalho, não secam outras possibilidades de pesquisa e de observação de outras realidades que ficam invisibilizadas? Sondar os jovens nessas outras qualidades para contestar o seu enclausuramento nessa categoria escolar...

Eu acho que eles não gritam! (risos). Mas que fazem, fazem. O que vês nitidamente é, por exemplo, o uso das

tecnologias no espaço escolar como forma evasiva... como práticas escapistas, como espaço da cultura da rua que é cada vez mais virtualizada, e de sociabilidade para além da estritamente estudantil. Hoje, o estatuto de colega e o de amigo é cada vez mais simultâneo. Porque o espaço escolar é um espaço muito totalitário na vida dos jovens, ocupa o dia inteiro. Por isso, eu não acho que eles «gritem», mas fazem coisas para escapar a isso. E nós enquanto pesquisadores temos que ir à procura disso. Às vezes é difícil encontrar, porque está tão longe da nossa realidade que é difícil ao investigador fazer um projeto sem ter a noção de como é que as coisas se estão a passar.

Ensinas metodologias, sobretudo qualitativas. Organizaste recentemente um livro ligado às questões da metodologia [Pesquisar jovens: caminhos e desafios metodológicos, Imprensa de Ciências Sociais, 2017]], tens um artigo intitulado “Artes e manhas da entrevista compreensiva” (revista Saúde e Sociedade, 2014)... Tens trabalhado com metodologias tanto quantitativas como qualitativas. Sentes que há caminhos que falta percorrer metodologicamente? Por outro

lado, no teu projeto “Tornar profissões de sonho realidade”, desenvolveste um documentário. Esse documentário partiu duma preocupação por pensar em comunicar a ciência a partir de outros suportes que cheguem a mais pessoas? Que caminhos nos falta percorrer em termos de comunicação da ciência?

Acho que a academia portuguesa (e não só a portuguesa) é muito tradicional nas metodologias que emprega. É um confronto que tenho hoje em dia com estudantes de doutoramento, é abaná-los e dizer: ‘não digam já que vão fazer entrevistas! Pensem primeiro no que querem fazer e depois adequem maneiras de chegar aos vossos sujeitos, àquilo que é a vossa questão de partida’. A ideia de que a entrevista dá para tudo, é dominante. É aquilo que nesse artigo [“Artes e manhas da entrevista compreensiva”, revista Saúde e Sociedade, 23 (3), 2014] chamo de ‘dureza mole’. É mole, porque não se pensa nela; e é dura porque depois não a sabem empregar. Vão com um guião e não se sabe sair do guião. E isto causa-me alguma confusão quando estamos a falar de estudantes de doutoramento, que deveriam vir um bocadinho mais

frescos. Eu estava à espera que as pessoas viessem com ideias mais «criativas» sobre as nossas perguntas e as formas de as fazer aos sujeitos. Eu acho que hoje em dia a metodologia é que faz a diferença na maturidade do investigador. Nitidamente. Às vezes não tem a ver com a forma como dominas a teoria e descreves o estado da arte, mas como articulas aquele conjunto de hipóteses e aplicas isso em perguntas a um conjunto de sujeitos. E há muito pouca criatividade e reflexividade metodológica, mesmo. Acho que a academia anglo-saxónica parece-me aí mais...

Fresca...

Exato, e não só fresca por causa dos professores... mas sobretudo a disponibilidade mental de alguns professores, de explorar, e curiosidade, que muitas vezes cá não há, essa disponibilidade dos professores para a exploração, porque perdem o seu lugar de autoridade pedagógica... e isso articulado com a questão da comunicação de ciência, acho que há uma tremenda iliteracia digital...

Nossa...

Nossa. Continua-se a fazer muito finca-pé: 'ah eu não utilizo facebook, não uso redes sociais', como se isso ainda fosse um lugar de erudição, quando eu acho que as pessoas estão a pôr-se à parte do mundo. Digo isto mas fui muito resistente a isso também. Esta nova geração o que tem de novo é uma atitude de curiosidade perante as modificações tecnológicas cada vez mais crescente. E nós estamos constantemente em resistência à mudança tecnológica. A disponibilidade ao novo é muito uma marca geracional. Na academia portuguesa, isto não acontece em termos metodológicos. São resistências pessoais que acabam por ser coletivamente partilhadas dentro das instituições.

Das tuas já longas e sólidas ligações com o Brasil, como é o caso da tua estadia na USP, como comparas as duas academias, nestes dois aspetos: das metodologias de pesquisa e da comunicação de ciência?

São duas coisas diferentes. O Brasil é um continente, por isso, há de tudo. A ideia da comunicação de ciência na academia brasileira está institucionalizada doutra forma. A ideia

da extensão universitária é uma coisa muito consolidada e muito investida mesmo. Aliás é tão investida que, aí sim, ela pode comprometer, a montante, os projetos de pesquisa, porque se está mais a pensar no impacto do que propriamente na produção de conhecimento para gerar determinado impacto, ou seja, pensa-se adiante.

Do ponto de vista metodológico, sinceramente, não vejo na academia brasileira... claro que há pequenos polos, teses, ... porque apesar de tudo a academia brasileira tem um lado às vezes mais liberal que pode ser aproveitado, embora às vezes não seja...

Sentes que há uma certa contradição entre uma retórica da valorização da transferência do conhecimento, que teria como consequência os produtores de conhecimento saírem dos muros da academia mas, simultaneamente, o modo de avaliação de desempenho continua a ser muito enformado pela bitola clássica de publicação de artigos em determinadas revistas... não há aqui um paradoxo?

Completamente, mas isso faz parte da academia esquizofrénica que neste momento temos. Tens, por um lado, essa exigência da open science e da

transferência de conhecimento e, por outro lado, a valorização de artigos em revistas completamente encriptadas ou em que tens de pagar milhares de euros para por os artigos abertos. Agora, hoje já há maneiras de contornar este tipo de exigências. Há coisas, por exemplo, que continuo a investir: eu continuo a escrever também em português. É a minha língua, é a língua em que gosto de escrever, que eu domino. Preocupo-me com a escrita. O que eu faço é muitas vezes transformar o que escrevo em português no formato que se quer em determinada revista. Fico sempre muito receoso, muito frustrado porque não domino inglês como gostaria, porque não sei se o que quero dizer é, naquela forma, a forma mais ajustada. Custa-me muito a fazer o trocadilho em inglês...

Fica perdido na tradução...

Sim, sim...

O modo padronizado com que as revistas indexadas atuam também não ajuda a isso...

Sim, não ajuda nada, mas há coisas de que não prescindo. Tive um artigo que andou quatro anos para lá e para cá, em

que tive em diálogo com um dos editores, em que lhe mandava cartas a explicar e a tentar justificar como fazia assim e não doutra forma, e consegui ter 30 páginas publicadas numa revista americana.

É um jogo de ténis...

E é muito desgastante, perde-se muito tempo e esse tempo não é valorizado, ninguém sabe o trabalho de ajustamento e negociação que há por detrás da publicação, e na própria tradução. O tempo que perco a rever as traduções... é desgastante e tira o prazer de escrever. Eu tenho é o prazer de depois ler: depois da coisa entregue, voltar lá e me rever ali. O que me dá prazer é isso: as pessoas perceberem o que eu quis escrever, gostarem de ler...

“não estão a aparecer temas de ponta, metodologias de ponta”



Tens estado ligado ao doutoramento em Sociologia, o OpenSoc, e há pouco dizias que nem sempre chegam doutorandos «fora da caixa». Como vês nos doutorandos que têm passado por cá, os interesses pela juventude, pela educação, pelas formas de pensar e trazer novos objetos? Sentes que as coisas estão de boa saúde a esse nível?

Não ... não... tenho muita pena mas não sinto. Sinto que de quando em vez aparece uma pedrada no charco, mas sinto que... e isto não é uma tendência específica do OpenSoc...

É transversal...?

É transversal a todos os programas doutorais que é o tipo de públicos que estão a aparecer, não são...não estão a produzir sociologia de ponta, não estão a aparecer temas de ponta, metodologias de ponta. Às vezes aparecem ideias com potencialidade para se tornarem ideias de ponta mas perdem-se no desenvolvimento, no constrangimento em determinadas disciplinas ou com determinadas pessoas que enquadram aquele tema (mesmo em termos de professores...), rigidificando uma coisa

com potencialidade para ir mais além e isso às vezes desemboca em desistências, ... ou seja, eu de facto não tenho visto sair ... vejo uma coisa ou outra... ou seja, a ideia de 'uau', a ideia duma coisa nova, uma novidade, é raro. Agora, era assim no passado? A sensação que tenho é que apareciam mais coisas assim, agora também havia mais condições para as pessoas fazerem doutoramentos. Aquilo que é a democratização do ensino superior, o que é neste momento a empresarialização dos doutoramentos, tem asfixiado as boas ideias... ou pode ter asfixiado. Eu nunca tive que pagar uma propina. A nossa geração desse ponto de vista... havia bolsas, não eram tão caras as propinas.

Falavas da ideia da sociologia cool nos anos 90! O momento crítico que vivemos hoje (ideia de pós democracia, o fenómeno das fake news...), achas que a sociologia continua a ser cool ou ela vive um momento conturbado?

Quero acreditar que a sociologia continua a ser cool. Não no sentido mais prosaico ou modista, fútil, mas do ponto de vista de ir além das ideias feitas. E de procurar explicação para temas, objetos

que ainda estão pouco explicados, acerca dos quais há muitos estereótipos e ideias mitificadas. É desse ponto de vista que vejo a questão do 'cool'. E o cool está muito associado à ideia duma certa disposição do intelectual que eu acho que hoje se tende a perder. O intelectual hoje é um digital influencer, é um comentarista nas redes sociais e na televisão. Mas eu acho que até aí a sociologia faz diferença. Quem tem uma boa bagagem sociológica pode fazer a diferença nos discursos que faz, nos pontos de vista que tem, e até mesmo na militância. Acho que nós temos bons intelectuais ainda, não sei se os vamos perder... o meu medo é que a academia não consiga reproduzir isto...

Renovar...

Renovar... reproduzir no bom sentido, reproduzir com renovação.

Falavas que o teu futuro próximo pode passar por prolongar o teu projeto sobre as profissões de sonho para outras vias... é nesse sentido que os teus projetos seguirão?

Neste momento pondero duas formas de... que estou a tentar interligar, mas

que tem a ver com estas novas formas de encarar o mundo do trabalho, de ver quem faz o quê, como... e isto associado com a ideia da geração vista do ponto de vista da desigualdade. Não é a geração à la Mannheim, mas é como o discurso geracionista tem servido para consubstanciar determinado tipo de posições e marcadores políticos. A minha intuição é que se entrosa uma com a outra: de como pensar da coisa mais estrutural para alguns estudos de caso, do aprofundamento de como novas realidades estruturais podem conduzir a formas muito variadas de viver, nomeadamente, a precariedade.

Última pergunta. Alguma vez pensaste desistir da sociologia?

Não...não... já senti a necessidade de pensar sobre: 'se eu não conseguir manter-me aqui, o que é que eu vou fazer?' Isso sim. Já fui confrontado com uma eventual expulsão da sociologia, mas não com uma desistência da sociologia. Estou muito confortável com aquilo que faço. Do ponto de vista da sociologia, eu continuo a gostar...não quero perder o fôlego pela sociologia.

*Isso continua a dar-me prazer. Eu tenho
um prazer tão grande em fazer
entrevistas ou ouvir e ler entrevistas
quando não sou eu que as faço...*

A descoberta...

É. Continua a ser a descoberta.